



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA

JACI FERNANDES ALVES

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ): UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA E
DIVERSÃO

CAMPINA GRANDE – PB
2014

JACI FERNANDES ALVES

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ): UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA E
DIVERSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Professores da Educação Básica, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Formação de Professores da Educação Básica.

Orientadora: Prof^a. Dra. Valdecy
Margarida da Silva

Campina Grande – PB
2014

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474h Alves, Jaci Fernandes.
Histórias em quadrinhos [manuscrito] : uma possibilidade de leitura e diversão / Jaci Fernandes Alves. - 2014.
45 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Formação de Professores da Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. História em quadrinho. 2. Leitura. 3. Educação fundamental. 4. Recurso didático. I. Título
21. ed. CDD 372.4

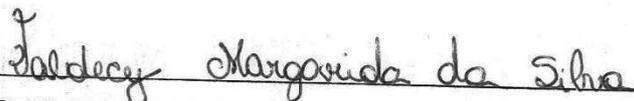
JACI FERNANDES ALVES

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ): UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA E
DIVERSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Especialização em Formação de
Professores da Educação Básica, da
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB), como requisito parcial para a
obtenção do título de especialista em
Formação de Professores da
Educação Básica.

Aprovada em 28 de Abril de 2014.

BANCA EXAMINADORA



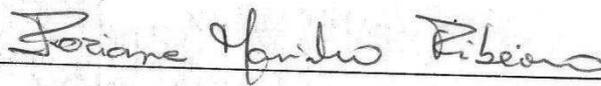
Prof^a Dra. Valdecy Margarida da Silva - UEPB

Orientadora



Prof^a Dra. Paula Almeida de Castro - UEPB

Examinadora



Prof^a Dra. Roziane Marinho Ribeiro - UFCG

Examinadora

Dedico este trabalho a todos os pedagogos, especialmente aos professores alfabetizadores que acreditam que podemos incentivar nossas crianças a sentirem gosto pela leitura, transformando-os, assim, em leitores críticos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter estado comigo em todos os momentos, dando-me sabedoria e inspiração.

À minha família, pais, filhas e marido, pelo incentivo, apoio e compreensão.

A todos os professores, especialmente à Prof^a Dr^a Valdecy Margarida da Silva, pela sua amizade, dedicação e orientação.

Aos colegas da turma, pelo companheirismo.

A todos...

Muito obrigada!

As histórias em quadrinhos, ao gerar novas ordens e técnicas narrativas, mediante a combinação original de tempo e imagens em um relato de quadros descontínuos, contribuíram para mostrar a potencialidade visual da escrita e o dramatismo que pode ser condensado em imagens estáticas.

Nestor Canclini (2000)

RESUMO

No presente trabalho monográfico iremos abordar o tema História em Quadrinhos (HQ), Leitura e Diversão. Acreditamos que as histórias em quadrinhos são criações interessantes para se trabalhar em sala de aula, pois despertam com maior facilidade o interesse pela leitura. Os quadrinhos levam o leitor a ter contato com o lúdico e essa experiência pode se constituir em um canal de conhecimento que leve o aluno a ter interesse pela leitura de outros gêneros textuais. Este estudo objetivou analisar a importância das Histórias em Quadrinhos (HQ) como recurso pedagógico para desenvolver o gosto pela leitura, buscando, especificamente, apresentar uma revisão da literatura sobre as origens das Histórias em Quadrinhos, discutir a importância de se inserir a História em Quadrinhos em sala de aula, bem como, analisar os benefícios que este meio de comunicação de massa pode trazer para o trabalho com leitura em sala de aula. A experiência foi desenvolvida na escola Municipal Fernando Cunha Lima, numa turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente, foi realizada a pesquisa bibliográfica e logo após iniciada a pesquisa de intervenção. A experiência demonstrou que a História em Quadrinhos é um excelente material pedagógico para despertar nos alunos o gosto pela leitura.

PALAVRAS-CHAVE: História em Quadrinhos. Leitura. Escola.

ABSTRACT

In this monograph we discuss the topic Comic (HQ), Reading and Fun. We believe that the comics are interesting creations to work in the classroom, because more easily arouse interest in reading. The comics bring the reader into contact with the playful and that experience can constitute a channel of knowledge that leads the student to have interest in reading other textual genres. This study aimed to analyze the importance of Comics (HQ) as a teaching resource to develop a taste for reading, seeking specifically to present a review of the literature on the origins of Comics, discuss the importance of entering the Comic in the classroom, and to evaluate the benefits that this medium of mass communication can bring to work with reading in the classroom. The experiment was conducted at the Municipal School Fernando Cunha Lima, a class of 2nd year of elementary school. Initially, a literature search was performed and soon after initiating intervention research. Experience has shown that the comic strip is an excellent teaching materials to awaken in students a love of reading.

KEYWORDS: Comic. Reading. School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LEITURA E DIVERSÃO	11
2.1	LEITURA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS.....	13
3	PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXOS	28
	ANEXO A – Os quadrinhos no Brasil.....	29

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho monográfico iremos abordar o tema História em quadrinhos (HQ) Leitura e Diversão. Acreditamos que as histórias em quadrinhos são criações importantes e interessantes para se trabalhar em sala de aula, pois despertam o interesse pela leitura. Os quadrinhos levam o leitor a ter contato com o lúdico e essa experiência pode se constituir em um canal de conhecimento que leve o aluno a ter interesse pela leitura de outros gêneros textuais.

A alegada “crise de leitura” entre jovens e crianças já vem sendo questionada há algum tempo. Afirmações do tipo “o jovem não lê” não encontram respaldo empírico, quando se trata de determinados objetivos de leitura. É de fato inesquecível que jovens leitores (e nem tão jovens assim) deleitam-se com as tramas narrativas de personagens diversos, heróis ou anti-heróis, montadas através dos recursos de quadrinização.

Pode-se dizer que esse gênero não rivaliza com as tradicionais narrativas literárias entre esse público leitor. Na maioria das vezes as histórias em quadrinhos ganham de longe a preferência desse gênero tão popular em ter o público infantil-juvenil e até mesmo o adulto.

Estimular o desenvolvimento do prazer da leitura, ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada, estimular o desejo de outras possibilitando a vivências de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação são possíveis através das leituras dos quadrinhos. Ainda, a HQ possibilita ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita, tornando-o cidadão crítico, desperta na criança o prazer pela leitura; dá a possibilidade de o aluno conhecer os vários tipos de balões, identificar os recursos gráficos das histórias em quadrinhos, reconhecer os elementos que a constituem (códigos não verbal, os sinais gráficos, balões e os traços indicadores dos momentos), conhecer as onomatopéias.

As escolas precisam resgatar a prática da leitura, especialmente no Ensino Fundamental, por ser nessa faixa etária que a criança costuma desenvolver o gosto pela leitura. Precisa-se desenvolver uma prática de leitura prazerosa, sem cobranças de entendimento dos textos através das práticas de avaliação tão comuns na escola.

Aprender-se a ler, lendo, não reproduzindo inúmeras vezes palavras ou frases, e menos ainda através de cópias longas e exaustivas. Por isso, a escola deveria propiciar às crianças o manuseio de livros em sala de aula para desenvolver

os aspectos sensoriais, emocionais e intelectuais da leitura, de uma forma racional e dinâmica.

É importante que o aluno seja valorizado como pessoa e tratado de modo individualizado. A ele deve ser proporcionada oportunidade de experimentar, pensar, comparar, criar hipóteses, estabelecer regras e aprender através do erro. O conhecimento não é pronto e por isso a aprendizagem é construída constantemente.

O professor não é detentor do saber e sim um motivador, orientador e viabilizador do processo ensino-aprendizagem, provocador de situações problemáticas a serem resolvidos e regulador de conflito. É necessário que ele faça uso de procedimentos democráticos, respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno, aproveitando os conhecimentos que o aluno tem, servindo-se deles para desencadear novas aprendizagens. O professor pode ser um investigador, pesquisador, um desafiador, um questionador, um crítico e um estimulador criativo, dinâmico, procurando sempre avaliar sua prática pedagógica.

As Histórias em Quadrinhos, devido a sua diversidade de linguagem e riqueza artística, possibilitam muitos momentos prazerosos na complexa tarefa do ensino e aprendizagem da língua escrita. Cabe à escola utilizá-la de forma lúdica para estabelecer uma relação harmoniosa entre professor, alunos e textos. O aluno precisa compreender que ler é um exercício que se presta ao prazer e não serve apenas para a execução de tarefas escolares e atendimentos de interesses transitórios.

Diante do exposto, este estudo objetivou analisar a importância da História em Quadrinhos como recurso pedagógico para desenvolver o gosto pela leitura, buscando, especificamente, apresentar uma revisão da literatura sobre as origens das Histórias em Quadrinhos, discutir a importância de se inserir a História em Quadrinhos em sala de aula, bem como, analisar os benefícios que este meio de comunicação de massa pode trazer para o trabalho com leitura em sala de aula.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LEITURA E DIVERSÃO

Segundo Freire (1988), *a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daqueles (p. 10)*. Uma das preocupações de alguns professores é em torno da leitura. Surgem sempre os

questionamentos: como incentivar o gosto pela leitura? Que tipo de leitores estamos formando? Qual o papel da escola na formação de leitores?

De acordo com Silva (1989), segundo os guias curriculares do Estado de São Paulo, que sugeriam para que os objetivos da escola de 1º grau previsto na Lei 5.692/71 fossem cumpridos, a língua é considerada algo pronta e acabada, excluindo a participação do sujeito.

Assim, alunos em total passividade, envolvidos em apenas reproduzir “exemplares” que lhe chegam às mãos. Por outro lado, professores ocupados em seguir unicamente as sugestões do livro didático, não se preocupando com o desenvolvimento do “prazer” pela leitura. Não podemos esquecer que o desinteresse instalado nesse processo afeta a construção da identidade de um sujeito leitor.

O processo de alfabetização vai além da leitura das palavras [...], portanto, não basta apreender a ler mecanicamente um texto, pois o importante é compreender o contexto em que o texto foi produzido. Logo, o ato de alfabetizar, como já dizia Paulo Freire, passa, acima de tudo, pelo ato de ler e compreender o mundo que nos cerca. Ou seja, a leitura do mundo precede a leitura das palavras que por si só, não tem sentido/significado (LIMA, 2002. p.10).

O conceito de leitura está geralmente restrito à decodificação da escrita. A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Kleiman (2008), a leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos. Leitura, em Aurélio é: 1. ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. aquilo que se lê; 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério”. (AURÉLIO, 1988, p.390).

Assim, um indivíduo pode ser considerado leitor quando passa a compreender o que lê. Ler é antes de tudo compreender, por isso não basta decodificar sinais e signos, é necessário transformar e ser transformado. De acordo com Freire (1989), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. A leitura é associada à forma de ver o mundo. É possível dizer que a leitura é um meio de conhecer.

Souza (1997) afirma que leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de

um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Por isso se torna indispensável que desde os anos iniciais escolares, textos, frases, palavras, sílabas e letras, tudo isso tenha um sentido para a criança, pois é a partir deste processo que ela poderá criar o hábito pela leitura de forma estimulante e fascinadora.

É necessário e urgente pensar a leitura como algo que possui um imenso significado para os alfabetizados, pois é o momento em que os mesmos começam a tomar consciência e se descobrem enquanto seres capazes de agir para a transformação do meio social e na conquista e realização dos seus sonhos.

Na perspectiva de Lima (2002), a leitura como processo envolvendo o mundo e toda sua cultura, torna-se muito mais prazerosa para estas pessoas, pois é o momento de desmistificação de muitos dos mistérios de suas vidas. É o momento de elucidação daquilo que antes era atribuído aos elementos sagrados, às crendices [...]. Mexe com diversos valores culturais, sendo capaz de despertar uma nova pessoa consciente de seu papel de comunidade.

Dessa forma, e, sabendo das dificuldades enfrentadas pelo professor nesse processo de formação de leitor, é necessário enfrentar essa problemática e desenvolver no educando, ao longo da sua vida escolar, o gosto pela leitura. O papel da “escola” é colaborar, reconhecendo a sua parcela de responsabilidade na missão de educar.

Quando uma pessoa domina a leitura, não existem fronteiras para ela. A mesma pode viajar não apenas para outros países, mais também no passado, no futuro. O ensino eficaz da leitura forma um leitor crítico, sonhador, capaz de viver momentos nunca antes vividos. Banrizer (1995), afirma que há o livro certo no momento certo para a pessoa certa. O mais importante nesse projeto de leitura é mostrar que as histórias em quadrinhos satisfazem aos interesses de vários grupos de diferentes pessoas, estimulando atitudes que levem ao interesse permanente pela leitura deste gênero.

2.1 LEITURA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Há quem diga que as histórias em quadrinhos, a chamada “Arte Sequência” (EISNER, 1999), tiveram início nas pinturas rupestres. De fato, a utilização de

desenhos para a comunicação é um recurso que atravessou milênios, usado por civilizações diversas, associado ou não à linguagem verbal.

Hoje em dia as histórias em quadrinhos são lidas por milhões e milhões de pessoas no mundo todo. Seu fascínio não se deve apenas à sua leitura “fácil digestiva” ou de “gente preguiçosa”, como acusava seus opositores. Os enredos dessas histórias podem atingir profundos níveis de críticas e de análise do homem nas modernas sociedades. Muitos heróis do século XX são personagens dos quadrinhos e esse novo gênero de arte possui uma linguagem própria, rica e interessante. Escritores, como o norte americano John Steinbeck, pintores como o espanhol Pablo Picasso e cineastas como o italiano Federico Fellini, declararam-se ardorosos admiradores das histórias em quadrinhos, uma arte nascida com a sociedade de massa.

Uma possível definição de história em quadrinhos é apresentada por Cirne (2000, p. 23): “Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivas cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas e/ou pintadas”.

Tal definição é originária de uma perspectiva semiótica¹ e, portanto, deixa de salientar questões importantes como a teoria dos gêneros textuais, perspectiva por nós adotados. Por isso, apresentamos primeiros algumas focalizações possíveis na perspectiva dos gêneros, para evidenciar a dificuldade de categorização das histórias em quadrinhos e, em seguida, faremos uma possível caracterização sempre fazendo uso de múltiplos critérios.

Quanto ao tipo textual, as histórias em quadrinhos, na maioria dos casos, são dadas a predominância do tipo narrativo. Entretanto, como salienta Fix (apud MARCUSHI, 2002), a heterogeneidade tipológica, propriedade de todos os gêneros, também constitui as histórias em quadrinhos; e além de poder apresentar a sequência narrativa, há também características de outros tipos textuais como a argumentativa e a injuntiva.

Na relação entre as semioses envolvidas verbal e não verbal, os quadrinhos revelam-se um material riquíssimo, pois, na co-construção de sentido que caracteriza o processo de leitura (KOCK & TRAVAGLIA, 1989 e 1992), texto e desenhos desempenham papel central. Desvendar como funcional tal parceria é

¹ . Ciência que estuda os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais como se fossem fenômenos produtores de significado.

uma das atividades linguístico-cognitivas realizadas continuamente pelos leitores de histórias em quadrinhos.

Podemos classificar as histórias em quadrinhos como uma verdadeira constelação de gênero não verbal ou icônica verbal assemelhada. Há, também, circulados na mídia escritas de acordo com a ordem de surgimento a caricatura, a charge, o “cartoon”, as próprias histórias em quadrinhos e as tiras.

Na escola, a leitura das histórias em quadrinhos já é realizada. Contudo, apesar de relevantes, e apesar de já serem aceitas como objetivos de leitura fora da sala de aula, não foram ainda incorporadas como textos trabalhados em sala de aula como também alcançaram a devida atenção das pesquisas acadêmicas.

Para Eisner (1999), os motivos para isso teriam relação com o uso e a temática das histórias em quadrinhos. Tecidos como meta principal o entretenimento e o humor como “tom” de boa parte das histórias em quadrinhos, podem ter levados a tal estado de coisas.

Portanto, os fatores acima contribuem para a ideia de que as histórias em quadrinhos só servem para incrementar a fluência da leitura. Essa relativa facilidade pode ser confundida com baixa qualidade textual, levando a ideia de que “ler quadrinhos é muito fácil”.

Na verdade, determinadas histórias em quadrinhos demandam estratégias de leitura sofisticadas, além de alto grau de conhecimento prévio, como também podem ter uma função didática, sendo utilizadas para dar instruções ou para persuadir em campanhas educativas.

Os parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998) incorporam o consenso sobre a necessidade de gênero de circulação social como um dos princípios básicos do ensino de língua materna. Trabalhar as histórias em quadrinhos em sala de aula é ultrapassar o mero momento de motivação lúdica.

A utilização das histórias em quadrinhos, por outro lado, não precisa restringir-se às aulas de Língua Portuguesa. Aplicações relevantes desse gênero podem ser feitas no ensino de outras disciplinas, ou mesmo no trabalho com texto de não ficção relativo às outras áreas de conhecimento.

Eisner (1999) insere o que denomina aplicação das histórias em quadrinhos no universo dos “visuais de instruções”, ou seja, da aplicação dos quadros ao ensino de algo específico. O autor lista quatro possibilidades para os diversos usos que as histórias em quadrinhos podem ter: entretenimento, instruções técnicas,

condicionamento de atitudes “story boards” usada para fazer a ponte entre o roteiro do filme e a fotografia final, na publicidade e no cinema.

Falta à escola a coragem de incorporar as histórias em quadrinhos ao conjunto dos vários instrumentos de leitura com que já trabalha na sala de aula; considerando-as como gênero tão sério (embora nem sempre sisudos) e consistente para fazer pedagógico quanto os demais, já presentes no cotidiano nas salas de aulas. Além disso, reconhecer e utilizar o recurso da quadrinização como ferramenta pedagógica parece impor-se como necessidade, numa época em que imagem e a palavra, cada vez mais se associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos.

A linguagem peculiar dos quadrinhos e os itens de sua semântica, uma vez bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A junção de texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra. Texto e ilustração se ajustam e se testam na identificação de seus significados e de suas relações, naquela necessária integração de matéria e forma, que tão bem atende aos princípios atuais da Pedagogia, baseados no caráter sincrético e globalizador do pensamento da criança (MOYA,1977).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, de natureza qualitativa.

A pesquisa exploratória tem como finalidade garantir um conhecimento mais explícito do problema pesquisado, tendo como prioridade gerar o aprimoramento de idéias. Por ser uma pesquisa que se vincula a atuação do profissional, analisando a sua prática cotidiana, a mesma, assume, também, o caráter descritivo (GIL, 2009).

O método qualitativo permite que o pesquisador entre em contato direto com o pesquisado, bem como com o ambiente e a situação que está sendo investigada, permitindo, dessa forma, uma análise mais precisa dos dados coletados (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Portanto, esta pesquisa empregou a abordagem qualitativa, apropriada para as respostas que foram buscadas.

Definido o tipo, o método e a abordagem, a pesquisa foi iniciada.

Essa experiência foi desenvolvida na escola Municipal Fernando Cunha Lima, numa turma de 2º ano do Ensino Fundamental. A turma é formada por 27 alunos, na faixa etária de 9 a 11 anos, que passaram pela Educação Infantil (pré- escola) e assim demonstra um nível de socialização. As crianças são oriundas o próprio bairro onde se localiza a escola (Jeremias) e de bairros circunvizinhos, como Palmeiras e Monte Santo.

O contato com a escola deu-se após autorização por parte da Secretaria Municipal de Educação que autorizou a realização da pesquisa na turma supracitada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência desenvolvida foi fundamental na organização e planejamento de um projeto cujo tema se propõe a trabalhar história em quadrinhos de maneira prazerosa.

Para iniciar, a turma foi colocada em círculo numa atividade extraclasse, mais precisamente no pátio coberto da escola, numa conversa informal sobre o tema. Em seguida, foi distribuído um texto que fala sobre “Os quadrinhos no Brasil”, que foi lido de forma dinâmica por todos os alunos.

Imagem 01 – Leitura em sala de aula



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Os alunos escolheram “A turma da Mônica” e durante uma semana foram entregues textos onde traziam todas as características das personagens de Maurício de Sousa, que foram mostrados através de dramatização e atividade mimeografadas. Ainda, nesses textos foram aprofundadas a linguagem dos balões, a utilização desses recursos no quadrinho e a identificação dos tipos.

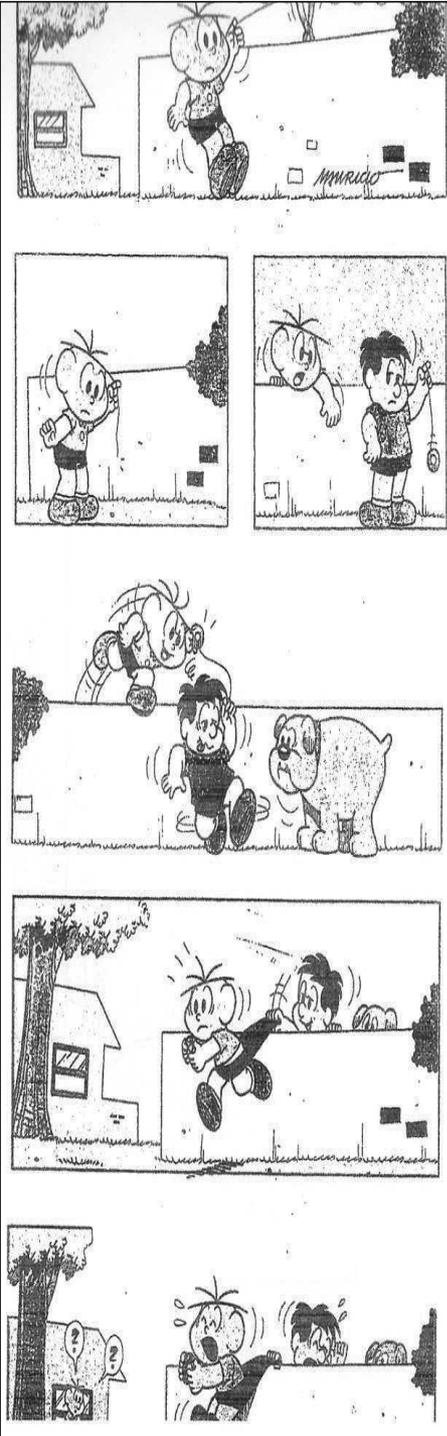
Imagem 02 – Cada um com seu gibi



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Em outro momento, foram trabalhadas as onomatopéias, onde foram distribuídos gibis; pedimos que eles reescrevessem no caderno as onomatopéias encontradas e as identificassem. Após esta atividade foi confeccionado um mural.

Figura 01 – Produção de texto a partir de figuras pré-estabelecidas



Produção de Texto

x

♡ história de bebelinha

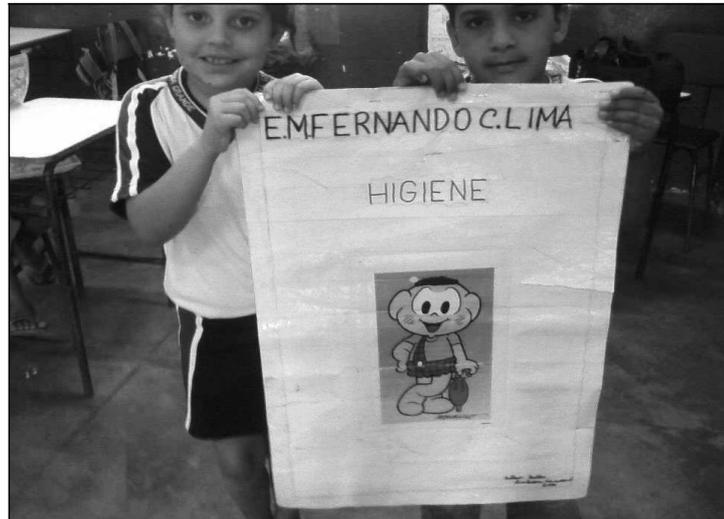
• bebelinha foi brincar no jardim, mas não conseguiu porque um menino tirou o cordão com a tesoura. bebelinha pulou o muro e seu chute foi travado. A manica alçou-se de longe e bebelinha chorando.

Edmon Pereira da Silva

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

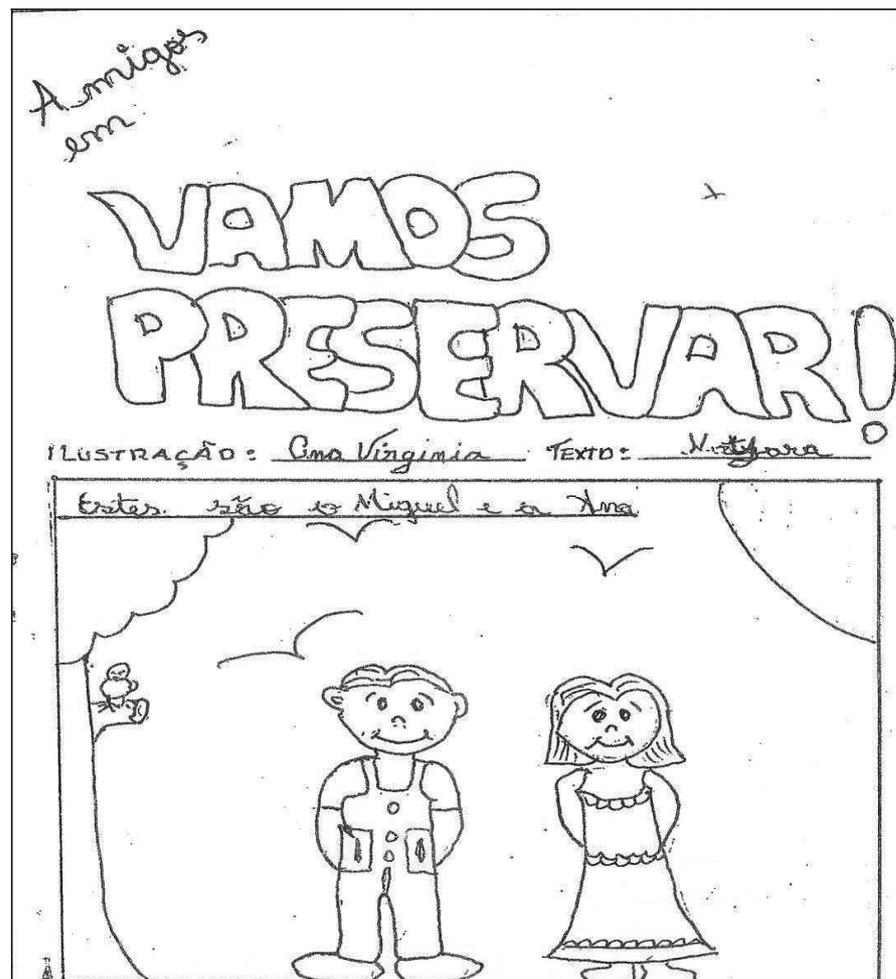
Depois de trabalhar os balões e as onomatopéias, a turma foi dividida em nove grupos de três para confeccionar um gibi, com histórias e personagens criados por eles, envolvendo tema “meio ambiente” e higiene, onde foi confeccionado um livrão sobre higiene.

Imagem 03 – Socialização do Livrão



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Figura 02 – Produção de texto livre (a)



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Figura 03 – Produção de texto livre (b)



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

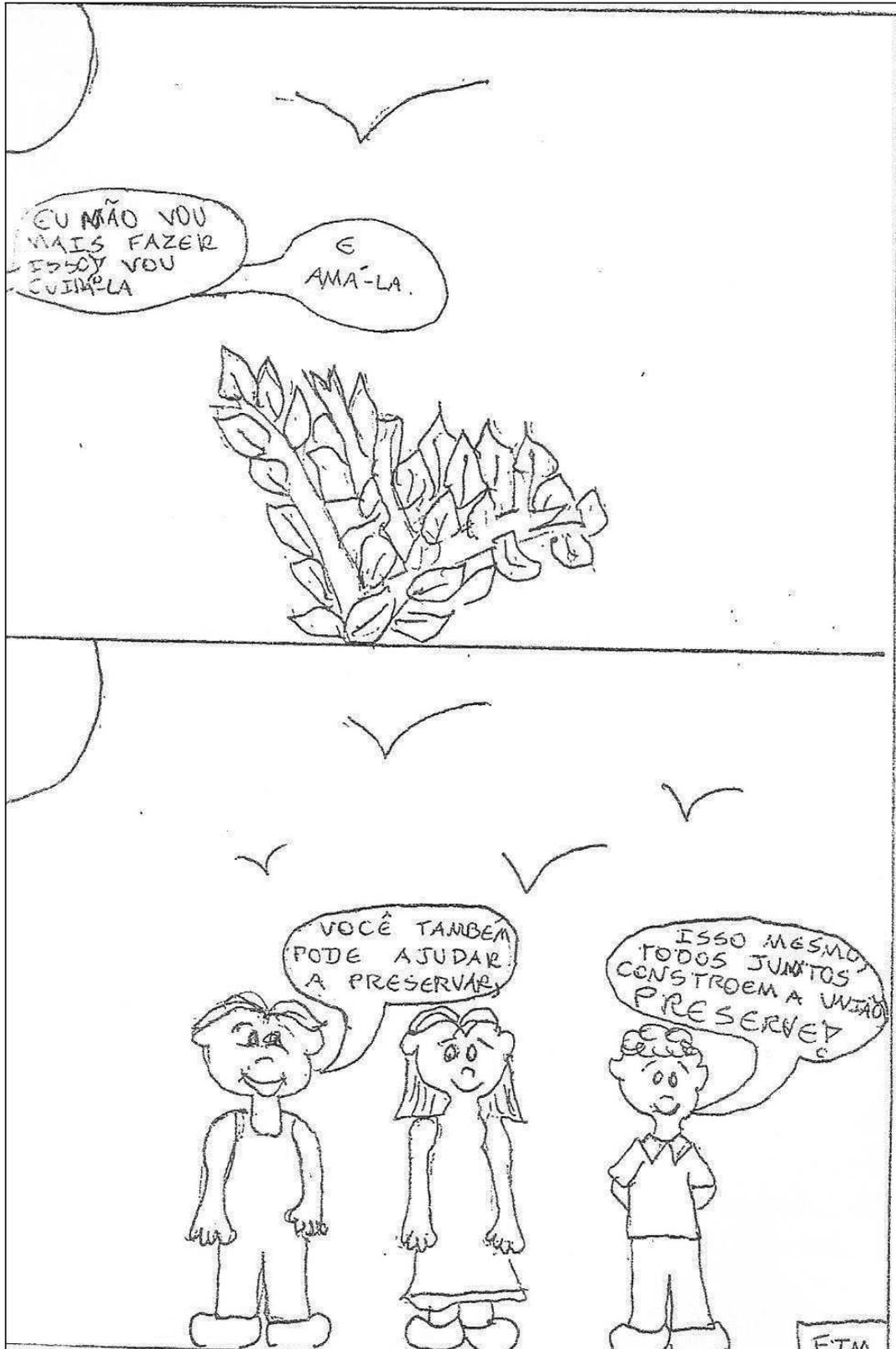
Figura 04 – Produção de texto livre (c)



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Figura 05 – Produção de texto livre (d)





Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Para concluir, as crianças assistiram a uma peça teatral de dramatização sobre as personagens da turma da Mônica.

Imagem 04 – Dramatização dos personagens



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

As experiências que vivemos com nossos alunos foram muito importantes, pois pudemos observar a receptividade, através desde gênero que é a história em quadrinhos, que sejam verbais ou não verbais, pois cremos que a experiência dos leitores com gêneros diversos permite-lhes o reconhecimento e a distinção das formas de textualização utilizadas nos casos conhecidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como educadores, precisamos estar preparados para estimular a criatividade e a construção de produção espontânea e o desenvolvimento da comunicação a uma linguagem explícita e fundamental, capaz de formar indivíduos pensantes, críticos questionadores dos destinos de uma sociedade. Portanto, a educação é um processo que não significa apenas um ensino, pois envolve um conjunto de capacidades físicas, intelectuais e morais de um ser humano. É compreender a realidade, onde deve haver reflexão e respeito consigo mesmo.

A sociedade tem a necessidade de conhecimento metódico e sistemático a ser repassado de geração para geração, surgindo, assim, a escola. E o papel fundamental da escola será a socialização desse saber sistematizado. Para que haja uma boa escola, uma escola de qualidade é preciso melhores salários para os professores, atualizações constantes do docente e a promoção de mudanças na forma de trabalhar, garantindo o aprendizado.

Assim, concordamos com os PCNs (BRASIL, 1998) quando incorporaram o consenso sobre a necessidade de exposição à diversidade de gêneros em circulação social como um dos princípios básicos do ensino de língua materna.

O documento salienta, baseando-se em teorias sociointeracionista, que a representatividade dos gêneros nas práticas comunicativas diárias é um dos critérios essenciais para a escola na matéria de leitura. A respeito das orientações dos PCNs e da estima dos leitores pela história em quadrinhos, estas são preteridas pela escola. Como vemos, é possível realizar um trabalho mais consistente com as histórias em quadrinhos em sala de aula, que ultrapasse o mero momento da motivação lúdica.

REFERÊNCIAS

- BAMBICER, R. **O ensino eficaz da leitura, In como Incentivar o hábito de leitura.** São Paulo: Ática, 1995. P.2-3.
- BOM TEMPO, L. **Onde educando.** São Paulo: n°33,2000. p.9.
- BRASIL, K. **Projeto história em Quadrinhos (HQ) Turma da Mônica!** 2009. Disponível em: <[Http://lereescrevercerto.blogspot.com/2009/01/introduo-as-histrias-em-quadrinho-da.html](http://lereescrevercerto.blogspot.com/2009/01/introduo-as-histrias-em-quadrinho-da.html)>. Acesso em: 08 maio de 2011.
- CARLI, A. de **Utilizando História em Quadrinhos.** 2008. Disponível em: <[Http://aartedeensinarblog.blogspot.com/2008/03/utilizandohistriasemquadrinhos.html](http://aartedeensinarblog.blogspot.com/2008/03/utilizandohistriasemquadrinhos.html)>. Acesso em: 08 abril de 2012.
- CRIPPA, M. I. **Projeto história em quadrinhos na sala de aula.** 2007. Disponível em: <<http://blogakii.blogspot.com/2007/08/histrias-emquadrinhos.html>>. Acesso em: 08 abril de 2012.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textual e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

EISNER, W. **Quadrinhos e Artes Sequenciais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FONTE, Paty. **Histórias em quadrinhos**. Disponível em: <<http://www.projetopedagogicosdinamicos.com/quadrinhos.htm>>. Acesso em: 08 abril 2012.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LIMA, E. de S. **Reeducando para a formação cidadã**. Mundo jovem. Porto Alegre: 2002. Ano 40, n° 228, p.1°.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, M. H. Falando em leitura. In _____: **O que é leitura**. 10ª Ed. São Paulo; Brasiliense: 1988. P.7-10.

MOYA. Á. de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva (Debates, 26). 1977.

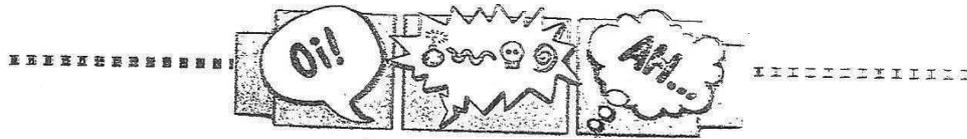
PARAMÊTROS CURRICULARES NACIONAIS. Ministério da Educação – MEC/PCN. vol. 2. Brasília: 1997. p.55.

PORTAL DA TURMA DA MÔNICA. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em: 08 abril 2012.

SOUSA, M. de. **Turma da Mônica**. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/index.htm>>. Acesso em: 08 abril 2012.

ANEXOS

ANEXO A – Os quadrinhos no Brasil



Os quadrinhos no Brasil



Nesta unidade, vamos falar de quadrinhos. Você vai gostar!

No Brasil, durante muito tempo, a produção de histórias em quadrinhos limitou-se à reprodução – e tradução – dos originais estrangeiros, principalmente norte-americanos. Em 1905, por exemplo, a Editora O Malho publicava Tico-Tico. Seus heróis Chico Muque, o Barão de Rapapé e outros, foram os primeiros personagens semi-abrasileirados. Já Joaquim Sousa, na mesma revista, limitava-se a copiar a história X-9, de Dashiell Hammett e Alex Raymond.

O grande passo nos quadrinhos brasileiros foi dado em 14 de março de 1934: lançamento do Suplemento Juvenil, publicação idealizada por Adolfo Aizen, o verdadeiro introdutor dos quadrinhos no Brasil. Adolfo Aizen, de modo pioneiro, trouxe dos EUA os direitos de publicação das grandes histórias da época: Flash Gordon, Jim das Selvas, Tarzan, Mandrake, Dick Tracy, Príncipe Valente, Terry e os Piratas. Adolfo encomendou ao desenhista Monteiro Filho um personagem brasileiro, Roberto Sorocaba. A tiragem semanal do Suplemento – 360.000 exemplares nas três edições – ainda não foi superada.

Depois do Suplemento, Aizen lançou a revista Mirim, novo sucesso. Logo a seguir, dentro do complexo editorial do jornal O Globo, também do Rio de Janeiro, lançam-se O Globo Juvenil e a revistinha Gibi, nome esse, gibí, que passaria a significar qualquer revista de histórias em quadrinhos.



O parque gráfico dos quadrinhos é um desdobramento dessa época pioneira. No Rio de Janeiro, a Editora Brasil-América de Adolfo Aizen, especializada em quadrinhos, é uma das maiores do mundo, e edita Batman, Superman, Zorro, para citar algumas histórias estrangeiras, e outras nacionais, como Judoka, já toda feita no Brasil. A Rio Gráfica Editora não publica só quadrinhos, mas boa parte de sua produção é dedicada a Mandrake, Fantasma (um *best-seller* no Brasil), Recruta Zero, e outras. Em São Paulo, a Editora Abril publicou Walt Disney e Maurício de Sousa, autor de Mônica (hoje Maurício é publicado pela Ed. Globo).

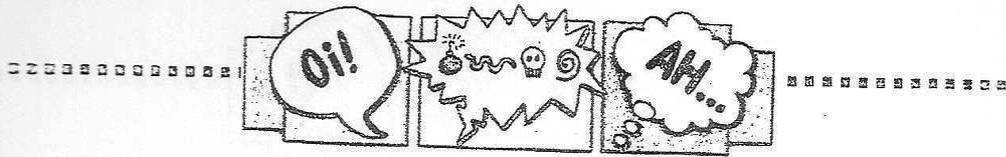
Maurício de Sousa trabalha em moldes tipicamente americanos: em equipe, com divisão de trabalho, com sistema de distribuição pelo Brasil inteiro. É o único desenhista de quadrinhos, no Brasil, que vive exclusivamente da renda dos quadrinhos. Os demais desenhistas brasileiros trabalham em desenho publicitário, ou como ilustradores, professores etc.

Ziraldo Alves Pinto, o Ziraldo, teve, na revista *Saci Pererê*, editada pelo O Cruzeiro, um dos pontos altos dos quadrinhos nacionais. Outros personagens de Ziraldo, que logo foram convocados pelas agências publicitárias, foram Jeremias o Bom, The Supermãe, e os Zeróis, críticas aos mitos dos grandes heróis norte-americanos. Já teve trabalhos publicados no *Mad* (Revista de quadrinhos norte-americana).

No setor dos quadrinhos de terror, Nico Rosso e Eugênio Colonnese dominam, com técnica pessoal e requintada.

Apesar de a produção brasileira ser hesitante e com altos e baixos, em termos de estudo dos quadrinhos o Brasil é pioneiro. Foi em 1951 que se realizou, em São Paulo, a 1.^a Exposição Internacional das Histórias em Quadrinhos.

Destacam-se como heróis dos quadrinhos entre os brasileiros: o Amigo da Onça, de Péricles, que apesar de não ser um herói de quadrinhos, foi uma figura típica de uma época da vida nacional; mais tarde, Sérgio Jaguaribe – Jaguar – popularizaria alguns personagens de seus *Chop-nics*, que seriam engolidos pelo personagem menor, o ratinho Sig, o qual em *O Pasquim* passou a ser o personagem principal da tira. Nesse mesmo semanário, Henrique Filho – Henfil – criou personagens típicos de Minas Gerais, como os Fradinhos, que alcançaram bom nível; a última tentativa de Henfil foi outro personagem regional, desta vez nordestino, o Capitão Zeferino, publicado pelo *Jornal do Brasil*.



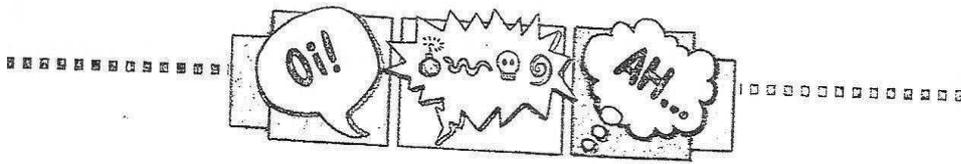
Depois de Péricles, do Jaguar dos Chopnics, de Ziraldo-Jeremias, Daniel Azulay criou – e manteve – um herói brasileiro. O seu Capitão Cipó estreou no Correio da Manhã, em 1968. Este herói nas suas horas vagas faz biscates numa emissora de televisão, como apresentador, o Irineu Pedrosa. Mas sua verdadeira vocação – que obviamente paga muito pouco – é ser super-herói: apaga incêndios com seu supercuspe, irriga plantações secas com seus superespirros (quando está resfriado) e vive em eterna dúvida existencial, pois não sabe se é civil ou militar. No seu cinto de utilidades carrega bombons de chocolates, raios laser, pílulas anticoncepcionais, lapiseiras vazias e isqueiros sem fluido e sem pedra. Nesse cinto não faltam *bandaids*, aspirinas, volantes da loteria esportiva e um chimbolê. Nos bolsos das calças, todas as carteirinhas do carioca moderno: de estudante para cinema, carimbo do ISS, CPF, INPS. etc.

Moaci Cirne, autor de *A Linguagem nos Quadrinhos*, *O Universo Estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa*, afirma que o Capitão Cipó é um dos melhores momentos dos quadrinhos nacionais.

ENCICLOPÉDIA Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1993. v. 17, p. 9479-9480.

Exercícios

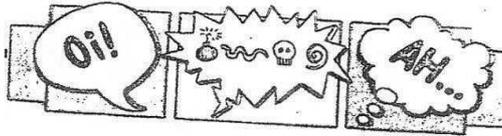
1. Faça um esquema das informações principais contidas no texto que você leu.
2. Agora, reúna estas informações elaborando um resumo das idéias contidas no texto e recriando a história das revistas em quadrinhos.
3. Planeje com seus colegas uma exposição de quadrinhos. Cada grupo deve pesquisar revistas de uma época, ou de um estilo, ou de um autor. Seria interessante encontrar também as revistas citadas no texto, mas isto não é fácil...
4. Vamos escrever as frases seguintes substituindo as palavras em destaque por outras de sentido equivalente – sinônimos. Para isso, consulte o dicionário junto com outro colega e com a ajuda da professora e modifique o que for necessário:
 - a) A produção de histórias em quadrinhos no Brasil, durante muito tempo, **limitou-se** à reprodução – e tradução – dos originais estrangeiros.



- b) Seus heróis, Chico Muque, o Barão de Rapapé e outros, foram os primeiros personagens **semi-abrasileirados**.
- c) Adolfo Aizen, de modo **pioneiro**, trouxe dos Estados Unidos da América os direitos de publicação das grandes histórias da época.
- d) O Suplemento era apenas um **apêndice** do jornal A Nação, mas obteve um sucesso fulgurante.
- e) No setor dos quadrinhos de terror, Nico Rosso e Eugênio Colonnese possuem técnica pessoal e **requintada** de desenhar.
- f) Mas sua **vocação** – que **obviamente** paga muito pouco – é ser super-herói.
- g) **Piparoti**, a última criação de Daniel Azulay, é uma **sátira** ao desgosto **cotidiano** de cada um,...

Observe as palavras em negrito no trecho seguinte: “Maurício de Sousa é o único desenhista de quadrinhos que **vive** exclusivamente da renda dos quadrinhos. Os demais desenhistas brasileiros **trabalham** em desenho publicitário, ou como ilustrador, professor, etc.” **É** e **vive** referem-se a uma única pessoa, Maurício de Sousa, por isso, dizemos que essas palavras encontram-se no singular. Já a palavra **trabalham** refere-se a mais de uma pessoa (aos demais desenhistas), por isso, encontra-se no plural. Utilize adequadamente as palavras indicadas copiando as frases em seu caderno:

- a) Joana e sua mãe ... todos os dias no centro da cidade. (trabalha/trabalham)
- b) Quase nenhuma das crianças ... ir embora cedo. (quiseram/quis)
- c) A Turma da Mônica já ... boa parte do planeta. (conquistou/conquistaram)
- d) As histórias em quadrinhos não ... leitor específico: são dirigidas a qualquer pessoa. (possui/possuem)
- e) Os meninos que trabalham no supermercado já ... o 1º Grau. (concluiu/concluíram)



6. Várias vezes neste texto é usado o travessão com a finalidade de destacar uma palavra ou trechos escritos para explicar ou ampliar uma informação dada antes:

Veja alguns exemplos:

- a) No Brasil, durante muito tempo, a produção de histórias em quadrinhos limitou-se à reprodução – e tradução – dos originais estrangeiros...
- b) A tiragem semanal do Suplemento – 360.000 exemplares nas três edições – ainda não foi superada.
- c) Mas sua verdadeira vocação – que obviamente paga muito pouco – é ser super-herói.

Que outros sinais de pontuação podem substituir os travessões nas frases anteriores?

Reescreva as frases em seu caderno utilizando outro sinal.

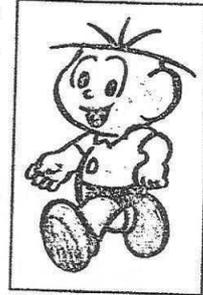
Vamos conhecer alguns personagens de Maurício de Sousa:

Mônica quebra o padrão tradicional das meninas, nas estórias infantis, sempre inferiorizadas em relação aos meninos, quanto à força física e traquinagens. É uma garota viva, voluntariosa, imprevisível, individualista, que se impõe ao grupo de meninos pelo uso da força ou por uma total confiança em si mesma. Entretanto, há momentos em que reage de maneira totalmente contrária. Mostra-se crédula, ou fracassa em seu intento; ou se ressentida da rejeição dos amigos; ou se mostra com medo... às vezes reage a esses sentimentos negativos, às vezes não. (Confrontem-se, por exemplo, “Mônica é daltônica?” e a seqüência de Mônica no banheiro, pedindo socorro por causa de uma barata e depois chorando porque Cebolinha, um “menino” estava no banheiro, depois de ter matado a barata, e ela estava enrolada na toalha.) (in Mônica n.º 1 Ed. histórica).



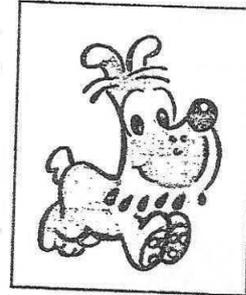


Cebolinha é o contraponto de Mônica: garoto curioso, imaginativo, ingênuo e obediente, quase sempre levando a pior em seus confrontos com a menina; diferenciado negativamente por falar trocando os rr por ll; mas sem nenhum complexo de inferioridade. Pelo contrário; mostra-se em geral com grande senso de responsabilidade, dedicado aos amigos e procurando corresponder ao que esperam dele. Há momentos, porém, que banca o importante e o superior, principalmente com Mônica, para impressioná-la.

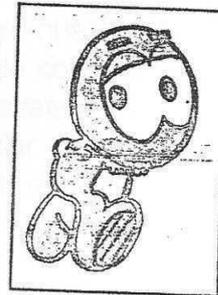


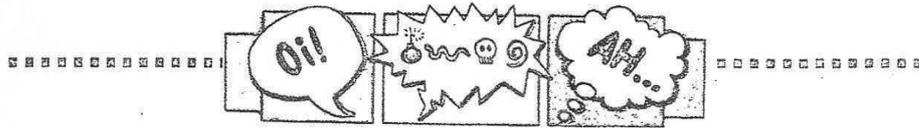
Piteco é o homem pré-histórico, às voltas com o problema de caçar e não ser caçado.

Bidu é o cãozinho do Franjinha. Animal tranqüilo, satisfeito com o que a vida lhe dá; generoso e inteligente... que aprende uma lição, em cada situação conflitiva que é obrigado a enfrentar; mas nem por isso deixa de voltar a crer nos outros ou a viver em paz consigo mesmo. Talvez seja ele a personagem que menos altere seu modo de ser, de aventura para aventura. (Confrontem-se os vários quadinhos Bidu, reunidos no Almanaque da Mônica 1976. Neles se vê o valor da liberdade; a agressividade que o nosso mundo-cão exige de cada um, para não sermos esmagados; a crítica à massificação ou ao pseudo-poder-do-povo inconsciente.

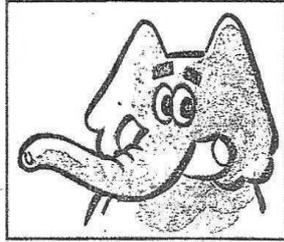


Horácio é o dinossaurinho ingênuo, paciente, sensível, cordato que, normalmente, vive os revezes sem volta. Compreende e aceita tudo com bonomia. O que não impede que vez por outra saia de sua tolerância e se transforme no Super-Horácio. Como disse Maurício, "O Super é o grito, o momento do basta, a hora do vô." Em "Horácio e os Napões" (Almanaque...p.136), temos uma esplêndida sátira à





humanidade prisioneira da materialidade (= os Napões), – aquela que vive ao nível do concreto, inconsciente de sua potencialidade interior e só consegue se manter ativa ou alerta diante do conflito, do choque, da agressão, do perigo...



Raposão, Tarugo, Coelho Caolho, Jotalhão e Rita Najura, a Turma da Mata, com as inesperadas situações vividas, dão-nos verdadeiras lições de sabedoria prática ou de psicologia profunda (cf. “Os Complexos do Tarugo”, “O Fóssil do Raposão”, “A Corrida”, “O Amor de Rita”, etc.).

Chico Bento é o caipira, sem nenhuma concessão ao estereótipo criado por Lobato em Jeca Tatu, ou por vários outros que enfatizam a indolência e a lentidão de pensamento, fala e ações desse tipo humano, característico do Interior. O “caipira” Chico Bento, com seu misto de ingenuidade e esperteza, mansidão de caráter e impulso natural para o lúdico (o que o leva a não se interessar pelo trabalho rotineiro) vem servindo a Maurício para criar situações pitorescas e pôr o pequeno leitor frente a vários problemas. Por exemplo, o da passagem da infância para a adolescência, com a necessidade de mudança de objetivos e de ações, desenvolvido metaforicamente na aventura Chico, 7 anos (revista Chico Bento nº 2/Abril/82). Ou o da exploração capitalista, no quadrinho em que Chico tomava banho na cachoeira, quando o jorro d'água é interrompido pelo Tonicão, a mando do garoto loiro de óculos ray-ban, que queria cobrar o uso da água. Enraizados na realidade da vida e do cotidiano, seus bonecos são “gentes”. Identificam-se com as pessoas, retratam a vida no seu dia-a-dia. A conversação dos personagens é popular. O “dia-a-dia”: comer, dormir, ter emoções, boas ou más, sentir amor ou raiva são ingredientes universais. Logo, o que vale para o Chico Bento, vale para o mundo. O que se pretende é exportar esse espírito alegre e comunicativo do





brasileiro para o mundo todo. E a mensagem universal das histórias criadas por Maurício é incontestável. E não nasceu por acaso. Veio de anos de estudo, planos, trabalho e, principalmente, da sensibilidade de um artista que pretendeu e pretende projetar além das barreiras sociais, ideológicas e geográficas, a sua mensagem alegre, otimista e confiante no futuro e nos homens. A mensagem dirigida ao público leitor mais exigente do mundo: a criança.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Quíron, 1983. p. 689-694.

Exercícios

1. Você gosta de ler histórias em quadrinhos?
2. Qual é a sua preferida? Descreva a personalidade desta personagem. Como ela é? Do que gosta?
3. Qual a personagem do Maurício que você gostaria de conhecer melhor?
4. Dê, resumidamente, as características principais dos personagens do Maurício mencionadas no texto.
5. Pesquise e descreva outras personagens do Maurício que não foram tratadas no texto (Cascão, Magali, Franjinha, etc).
6. Organize, com seus colegas, uma Gibiteca (uma coleção de gibis que poderão ser emprestados).
7. Recorte ou desenhe as personagens do Maurício e crie com elas uma história bem legal. Depois, peça para sua professora juntar todas as histórias no "Gibizão da Turma".



Pela estrada afola

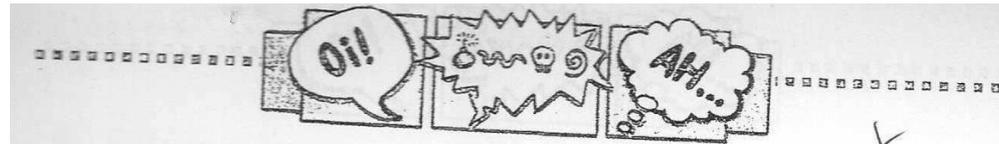
A Turma da Mônica vai comandar programas de televisão no Exterior

Paulo César Teixeira

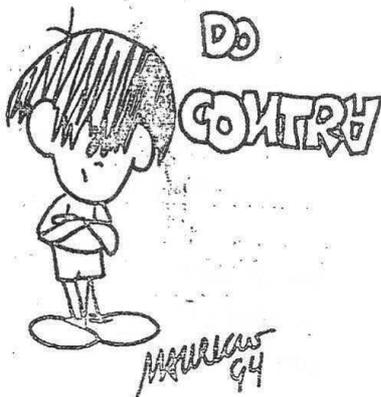


Quando começou a produzir as histórias infantis da Mônica, o cartunista Maurício de Sousa usou o compasso para desenhar um círculo imaginário com raio de 150 km no mapa de São Paulo. O centro da circunferência era o quarto de empregada do apartamento onde ele morava, em Mogi das Cruzes, a 50 km da capital paulista – na verdade, o estúdio improvisado do artista. “O círculo representava até onde o dinheiro permitia viajar de ônibus para vender as tiras aos jornais locais”, lembra Maurício, hoje com 58 anos. Três décadas depois, o compasso já não dá conta do raio de atuação da Turma da Mônica – uma galeria de mais de 200 personagens, cujas histórias são traduzidas em nove idiomas e exportadas para 17 países. Até o próximo ano, o elenco milionário que saiu da pena de Maurício estará comandando programas de televisão na Argentina, no México, no sul dos Estados Unidos e na Europa. Há oito

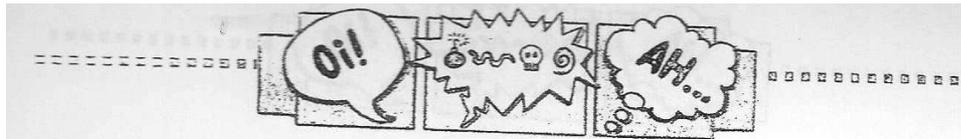
anos, Maurício percebeu que a Turma da Mônica estava sendo atropelada no Exterior pela invasão das tartarugas ninjas, isto é, os desenhos japoneses. “O mercado sofreu uma alteração radical com o sucesso dos pacotes lançados pelos japoneses”, afirma Maurício. Esses pacotes combinam o lançamento editorial com a produção de filmes animados para a televisão e o cinema, sem falar no investimento em *merchandising*. “Agora, quem não produzir desenho animado para a televisão não terá chance alguma de competir com eles”, garante o cartunista brasileiro. É verdade que a MSP já tinha experiência em cinema – no total, são nove longas-metragens lançados na tela grande e exportados para Portugal, América Latina e China. Faltava, porém, dirigir a produção para a televisão e o videocassete. Após um recuo estratégico, a MSP acaba de acertar a criação de um programa de tevê com uma produtora de Portugal ao cus-



to de US\$ 10 milhões. Financiado por capital belga, o programa será exibido em toda a Europa ainda este ano. Antes disso, provavelmente em abril, o show da Mônica produzido em Buenos Aires deverá entrar no ar, detonando o "Projeto para a América Latina" da MSP. Com duração de 30 minutos, o programa será semanal, na linha do extinto Vila Sésamo, da TV Cultura de São Paulo, que fez sucesso no Exterior. Além de desenhos animados, haverá a interação de crianças com bonecos. O programa mexicano, que será transmitido no segundo semestre de 1994, seguirá a mesma receita, embora haja a preocupação de manter o sabor regional e, assim, impulsionar ainda mais as vendas de artigos da marca Mônica em cada país. "O objetivo é atingir o Cone Sul e a América Central, além de conquistar o público espanhol que vive nos Estados Unidos, estimado em 30 milhões de pessoas", afirma Maurício. Disposta a atacar em todos os *fronts*, a MSP já assinou contrato com o estúdio Cuckoo's



Nest, de Taiwan, para a produção de um seriado da Mônica, de 52 episódios feitos especialmente para a televisão. A série será falada em inglês, "sem sotaque latino", enfatiza Maurício, e veiculada em mais de 50 países a partir de 1995. Com um custo de US\$ 18 milhões, o projeto deverá render no mínimo US\$ 50 milhões no prazo de um ano, aposta Maurício. Outra cartada é a exportação dos parques de diversão da Mônica – no Brasil, o primeiro deles foi instalado há um ano no Shopping Center Eldorado, em São Paulo. Maurício tem proposta para levar o parque para o Rio de Janeiro e Curitiba, além de negociar com os americanos a montagem de outro em Miami, Boston ou Washington. "Já imaginou a Mônica morando ao lado do presidente dos Estados Unidos?", brinca o cartunista. "Com seu temperamento explosivo, pode até ser perigoso." Maurício chegou a receber uma oferta milionária da atriz Kim Basinger, na época dona de uma cidade nos Estados Unidos, mas não houve acordo. As cifras não impressionam o cartunista que, garante, não gosta de falar em negócios. "Sou um artista", costuma dizer. "Se você quer saber o nosso faturamento, fale direto com a Mônica", emenda ele logo em seguida. É que sua filha Mônica, que inspirou a criação do mais famoso personagem quando criança, hoje dirige a área de licenciamento de produtos alimentícios da empresa. Por sinal, este é justamente o setor res-



responsável por 50% dos lucros da MSP, no *merchandising*. “Ela trabalha bem”, resume o pai. Com nove filhos, Maurício encontra na família a principal fonte de inspiração.

E, o que é melhor, “o hábito de observar meus filhos se transformou em bom negócio”. Não é por acaso, portanto, que os três novos personagens do cartunista são todos feitos à imagem e

semelhança da prole. São eles as gêmeas Vânia e Valéria, dirigidas ao público *teen*, e o Do Contra, inspirado no caçula Mauricinho, de cinco anos, “único corintiano da família”, segundo o cartunista. Ainda inéditos, logo eles seguirão Mônica e sua turma pelo mundo afola, como diria Cebolinha com sua língua enrolada.

ISTOÉ. São Paulo, Três, n. 1271, p. 58-59, 09 jun. 1994.

Exercícios

1. O que chama a atenção no título do texto?
2. **Estrada e afola** são palavras que têm “marca registrada”. De quem?
3. A frase que se segue ao título explica o que significa **Pela estr. da afora**. Além desse sentido, podemos relacionar essas palavras a uma conhecida canção. Qual é? Escreva a letra dessa canção em seu caderno. A que conto de fadas ela costuma ser associada?
Pela estrada afora,
eu vou...
4. O texto anterior refere-se a Maurício de Sousa como **desenhista**. Neste ele é chamado de **cartunista**. Que diferenças há entre um e outro profissional? Ou não existe diferença? Consulte o dicionário e explique, se possível exemplificando.
5. Releia o último parágrafo e responda:
 - a) O que faz hoje a musa inspiradora – Mônica?
 - b) Quais são as mais recentes criações do Maurício?



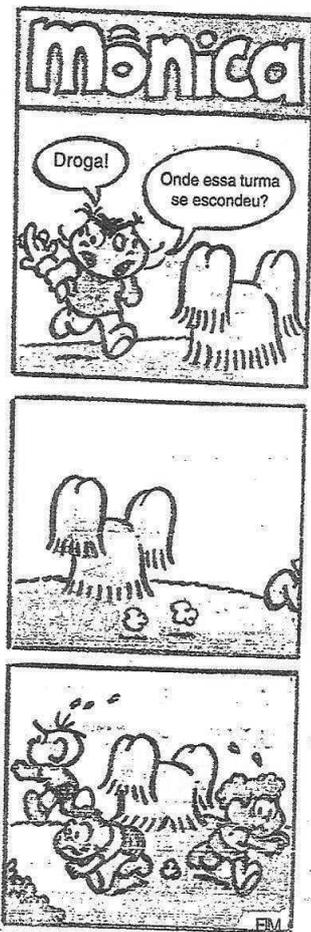
Chega de falar da turma. Divirta-se com algumas tiras, já que não temos aqui uma revista inteira...



CEBOLINHA. São Paulo: Globo: Maurício de Sousa Produções, n. 74, fev. 1993.



CASCÃO. São Paulo: Globo: Maurício de Sousa Produções, n. 164, abr. 1993.

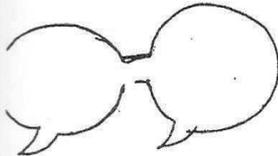
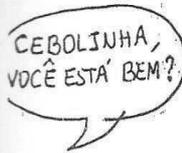
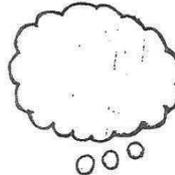


MÔNICA. São Paulo: Globo: Maurício de Sousa Produções, n. 84, dez. 1993.

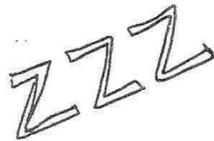
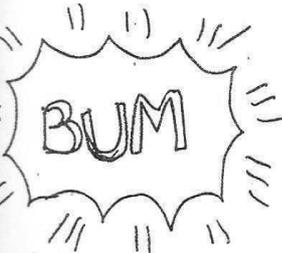
Escola Municipal _____

Aluno(a) _____

1. De acordo com o tema estudado, responda certinhos:
 a) Qual o significado destes balões?

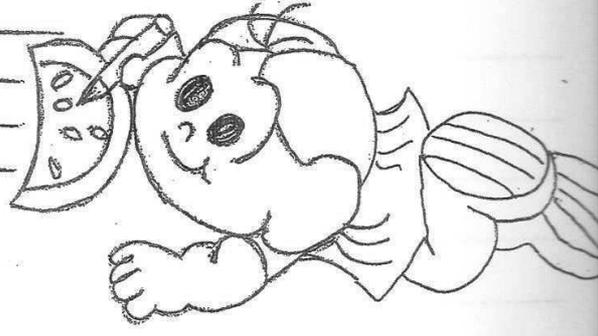
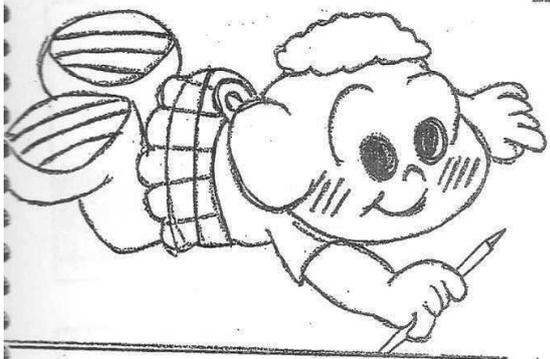
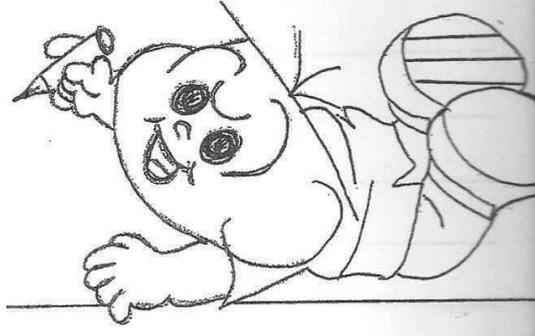
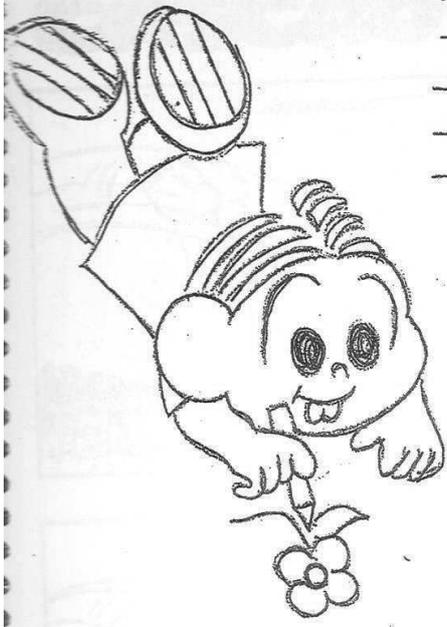


b) Que sons representam estes recursos gráficos?



Atividade

- Descreva as principais características dos personagens abaixo.
- Pode colorir !



Aluno(a) _____

Atividade em Grupo

Leia as tirinhas, responda as questões e escolha uma das historinhas em quadrinhos para produzir um texto.



- Crie um título para a história em quadrinhos
- O que você percebe na historinha?
- Qual a reação de cascão?



- O que lhe chama mais atenção nesta historinha?
- Na nossa realidade, em que locais a poluição está presente?
- O que podemos fazer para evitar a poluição?
- Elaboração de slogan referente à questão ambiental



- a) Quais as personagens do texto?
- b) Sobre o que as personagens estão falando?
- c) Discuta com seus colegas: por que Magali escolheu aquele livro?



- a) O que mais lhe chamou a atenção nesta historinha?
- b) O que você acha da atitude de Mônica e Magali?
- c) Você já presenciou um acontecimento igual a esse?